

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"VARIACIONES SOBRE UM TEMA: ASPECTOS DO MARTÍRIO
PAGÃO EM ALEXANDRIA"**

UFRGS - IX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANTIGA / III SIMPÓSIO INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA ANTIGA DO CONE SUL, 2-6 DE SETEMBRO 2002

"UM OLHAR DISTANTE"

Joana Campos Clímaco

História / 8º período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

O *paper* terá como objetivo analisar comparativamente, definir e exemplificar algumas manifestações de um fenômeno comum na Antigüidade tardia, o martírio. O enfoque principal será nos fragmentos de Alexandria denominado *Atos dos mártires pagãos*, que descrevem episódios de resistência dos alexandrinos em relação às autoridades romanas. Além disso, serão selecionados alguns episódios do Antigo Testamento, mais especificamente do Segundo Livro dos Macabeus, que também têm expressado algumas manifestações que podem ser caracterizadas como martírio.



Variações sobre um tema: aspectos do martírio pagão em Alexandria

O objetivo deste texto é discutir um gênero literário que adquiriu diferentes expressões na Antigüidade: os relatos sobre martírio. Buscar-se-á definir e analisar o conceito e expor algumas manifestações de episódios de martírio, mas apenas em relação ao ambiente judaico e alexandrino. Mais especificamente iremos tratar aqui do "martírio de Eleazar" (2Mc 6) e o "martírio dos sete irmãos" (2Mc 7) em contraposição aos fragmentos de Alexandria conhecidos como *Acta Alexandrinorum*, que terão aqui maior relevância.

O mártir é a testemunha da verdade, aquele que abre mão de sua vida em consideração a essa verdade¹. Na Antigüidade o martírio era visto como a maior prova que um homem poderia se submeter para provar ser fiel às suas crenças e seus ideais. De maneira geral, os mártires consideram suas vidas pouco significantes em comparação a seus ideais.

As noções de morrer por um ideal ou por uma causa nobre provêm de uma época anterior, já estão presentes na literatura e filosofia gregas. Entre outros episódios, a morte de Sócrates é considerada por Platão como um grande marco e exemplo heróico de morte por um ideal específico. Com os estóicos ganha força a noção de que a vida não tem muita importância e que a morte pode ser um refúgio e boa solução para os problemas terrenos².

Em Flávio Josefo encontramos várias narrativas de mortes consideradas heróicas. O episódio mais notável,

¹ H.A. Fischel. "Martyr and Prophet (A study in Jewish Literature)" in: *Jewish Quarterly Review* 38 (1946/47), p.266.

² Herbert Musurillo. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954. Pp.236-237.



considerado como um dos marcos em toda sua historiografia sendo o do suicídio coletivo em Masada³. Segundo Josefo, um enorme grupo de judeus revoltosos preferem o suicídio ao invés de se submeter às autoridades romanas na época da guerra da Judéia, que ocorreu entre 66 e 73 a.C..

O mártir era em geral visto como herói e provavelmente, a certeza de ficar para a posteridade como um exemplo a ser seguido pelo seu povo teria estimulado a atitude da maioria deles, principalmente dentro do contexto judaico. Fischel diz que o anseio pela imortalidade e pela vida eterna eram anseios universais entre os mártires, e essa expectativa se tornaria explicação e recompensa pelos sofrimentos⁴. Ele acredita que sem a crença em uma nova vida muitos desses episódios não teriam ocorrido.

A maior parte dos episódios de martírio na Antigüidade se refere à tentativa de manter a fé de um povo, oprimido por outro. E os episódios aqui analisados são desse tipo, envolvendo conflitos étnico-políticos.

Os *Acta Alexandrinorum*, também conhecidos como *Atos dos mártires pagãos* são coletâneas de fragmentos, datados entre 17 e 217 d.C.. Dizem respeito a textos pouco conhecidos, de caráter basicamente historiográfico⁵. A sua análise é trabalhosa, pois grande parte dos textos está incompleta, faltando linhas e até colunas inteiras. Devido à heterogeneidade no que se refere ao estilo dos textos, seu vocabulário, gramática e traços de retórica, não se deve atribuir a sua autoria a uma só pessoa.

Todos os textos são provenientes de Alexandria ou se referem àquela cidade, na época de sua submissão aos romanos. Alexandria foi fundada por Alexandre, o Grande, em

³ Josefo. *Guerra dos judeus* 7.

⁴ Fischel, op.cit. p.267.

⁵ A partir desse momento utilizarei a sigla AMP para designar os textos dos *Atos dos mártires pagãos*.



331 a.C., quando ele tomou o Egito dos persas. Desenvolveu-se com os Ptolomeus, que a transformaram na capital de seu reino e no principal porto do Egito. Alexandria foi organizada segundo o modelo das *poleis* gregas, sendo suas instituições muito semelhantes às de Atenas. Possuía grande autonomia política e institucional, suas próprias leis, moeda e território exclusivos. Os cidadãos que a fundaram eram gregos de todo o mundo helenístico, e estes eram os que possuíam os maiores direitos e status social. Havia numerosos não-cidadãos do resto do Egito e de várias outras origens étnicas, além de uma considerável comunidade judaica, que, aos poucos, foi adquirindo vários privilégios. Com o tempo, Alexandria se tornou uma das maiores e mais significativas cidades do mundo mediterrâneo, devido à riqueza de monumentos, sua arquitetura e importância política. Quando o Egito foi dominado por Roma, Alexandria manteve grande parte de seus privilégios. No entanto, muito da autonomia da qual dispunham anteriormente foi perdida com a submissão e é nesse contexto que os AMP foram escritos.

A maior parte dos AMP descrevem processos judiciais de heróis alexandrinos punidos pelas autoridades romanas. Trata-se então, de literatura de conteúdo político e de propaganda anti-romana. Alguns dos textos podem ser provenientes de relatórios oficiais, enriquecidos e alterados para propósitos propagandísticos. Os textos refletem, então, a hostilidade diante de Roma e de alguns de seus imperadores, e, além disso, descrevem os conflitos de suas autoridades com os mártires alexandrinos.

No contexto dos AMP, o martírio pode então ser visto como rejeição à submissão romana, já que este era o ideal a ser seguido, não importando que para atingi-lo a única escapatória fosse a morte. De acordo com Musurillo, os AMP



não são os únicos e nem os primeiros exemplos de literatura que descrevem episódios de martírio; no entanto, foram os de maior peso para os escritos cristãos posteriores. O exemplo alexandrino teria ficado como prova de honra e coragem para os episódios seguintes de martírio cristão⁶.

Como podemos perceber o universo em questão mistura uma série de tradições: a romana, a judaica, a grega e a alexandrina, e nos textos dos AMP são relatados episódios de conflito entre as diversas tradições, principalmente entre os gregos de Alexandria; as autoridades romanas e os judeus residentes naquela cidade. Na Alexandria da época a cidade estava dividida em bairros destinados, em sua maior parte, aos gregos de Alexandria embora outros fossem destinados aos judeus, ambos submetidos às regras dos imperadores romanos. Além dos já mencionados conflitos dos gregos de Alexandria com as autoridades romanas, foram inúmeros também os conflitos dos alexandrinos com os judeus residentes na cidade. Alguns dos textos dos AMP vão descrever também, essas hostilidades.

Com isso, é possível observar que o caráter literário dos AMP era "nacionalista", não só por seu conteúdo de oposição às autoridades romanas, mas a qualquer "grupo social" que não estivesse inserido na tradição de vida cívica grega em Alexandria. Em alguns dos fragmentos dos AMP são feitas referências a grupos opositores dos judeus, a uma grande facção anti-semita na cidade, o que mostra que essa repulsa era declarada e organizada, não sendo apenas observável nos episódios de conflito.

Através da leitura dos AMP pode-se observar uma política contraditória dos romanos em relação aos judeus de Alexandria. Em geral, eles parecem ter conquistado grandes privilégios e contavam com o apoio das autoridades romanas,

⁶ Musurillo, op.cit. p.236.



no entanto dispunham de um status inferior aos gregos da cidade. Ao que parece, os grupos das facções antijudaicas eram os mesmos que militavam contra as autoridades romanas, daí pode-se constatar que em épocas de conflito, Roma parece ter reservado aos judeus uma política preferencial por comparação à que reservava aos gregos.

O P. Oxy. 1242: *Acta Hermaisci*⁷ é um dos mais importantes para o propósito dessa pesquisa, por tratar mais explicitamente da relação entre judeus, gregos e romanos em Alexandria. Esse fragmento do séc. II d.C. descreve as acusações de um certo Hermaiscus, cidadão grego de Alexandria, contra judeus alexandrinos que possuíam a cidadania romana, e que, portanto, dispunham de importantes privilégios em relação aos gregos. A possibilidade de judeus adquirirem a cidadania romana se estendeu a poucos e em situações específicas, pois no geral, os que viviam no império não dispunham das boas condições de vida dos que viviam em Roma. A política de aceitar judeus em Roma não foi a mesma durante toda a duração do Império. No principado as atitudes oficiais dos romanos parecem ter sido de apoio aos judeus, mas no tempo de Tibério e Gaius a oposição ao judaísmo cresceu grandemente, devido à sua força como religião nacionalista não estar sendo bem vista e pelo proselitismo judaico estar crescendo entre os próprios romanos.

Os fragmentos *Acta Pauli et Antonini*, também do séc. II tratam de um processo envolvendo gregos e judeus de Alexandria. Tal documento refere-se provavelmente ao reinado de Adriano e os eventos que descreve podem estar relacionados à revolta judaica em Alexandria que ocorreu

⁷ Abreviação de Herbert Musurillo dos "papiros de Oxirrinco" no. 1242. Oxirrinco era uma cidade do Egito onde uma grande quantidade de papiros foi encontrada no final do século XIX e início do XX, e entre esses papiros estava o referido acima.



entre 115 e 117 d.C.. A revolta parece ter se iniciado quando um grupo de judeus escolheu o desconhecido Lucas como rei de conotações messiânicas, este estava criando uma situação que havia se iniciado na comunidade judaica de Cirene e chegou à Alexandria, despertando a revolta dos gregos. O conflito adquiriu sérias proporções, destruindo o templo grego de Seráfis e várias das mais importantes sinagogas. A cidade foi reconstruída e reorganizada por Adriano. Nesse período, foi também feita pelo administrador romano uma redistribuição dos judeus em Alexandria. O fato de eles estarem organizados em "guetos" começou a ser visto como ameaça aos gregos, daí a distribuição ter sido feita provavelmente de modo a colocar judeus vivendo também na parte grega da cidade, o que foi também visto como ameaça.

Os textos dos AMP não descrevem claramente o martírio propriamente dito. Assim, não se sabe quais teriam sido as condenações mais comuns, por que motivos ou como ocorreram os julgamentos, já que tudo isso se mostra muito confuso. Poucos são os textos que deixam claro o teor das acusações aos mártires, o porquê deles estarem sendo julgados, seus nomes e a época a que estavam se referindo. É notável o fato dos nomes dos imperadores e das autoridades romanas que estavam sendo criticadas raramente serem citados, ou por realmente não serem mencionados ou por terem se perdido junto com as outras partes dos documentos, e essa possibilidade não deve ser descartada. No entanto, mesmo que este seja o caso, não deve ser mera coincidência a pouca frequência de referências a sujeitos específicos. Isso leva a crer que a literatura visava se popularizar, ou seja, aparentemente tinha ideais propagandísticos. Se isso for certo, o que parece mais importante era a crítica ao domínio romano como um todo e não a pessoas específicas. Se os autores dos documentos não visavam que estes se



popularizassem, pelo menos temiam que isso ocorresse, podendo também ser esse um dos motivos da pouca clareza dos documentos.

No que se refere a episódios judaicos de martírio, inúmeros são os exemplos no Antigo Testamento, no entanto vamos nos ater apenas aos destacados no início do texto. O contexto dos trechos se refere à "infiltração" do modo de vida helenístico em Jerusalém, ao seu momento mais violento e explícito, que começou no sumo sacerdócio de Jasão⁸. Por um bom tempo as tradições gregas e judaicas conviveram bem em Jerusalém, mas nesse momento a referida boa convivência torna-se impossível para os judeus. As forças do helenismo tentam se instalar dentro da religião judaica e fazer com que os fiéis abandonem seus costumes e regras de conduta já tão arraigadas na religião. Tentam instalar nos templos e sinagogas os cultos pagãos, obrigam o culto a deuses gregos e, além disso, forçam os judeus a abandonarem os preceitos e valores morais do judaísmo. Temos um claro exemplo da situação na seguinte passagem:

Depois de não muito tempo, o rei enviou um ancião, um ateniense, com a missão de forçar os judeus a abandonarem as leis de seus pais e a não se governarem mais segundo as leis de Deus. Mandou-o, além disso, profanar o santuário de Jerusalém, dedicando-o a Júpiter Olímpico, e do monte Garizim, como o pediam os habitantes do lugar, a Júpiter Hospitaleiro. A progressão dessa maldade tornou-se, mesmo para o conjunto da população, dura e difícil de suportar. (2Mc 6:1-3)

⁸ Jasão, irmão de Onias, foi o último membro da família dos Oníadas a ter o cargo de sumo-sacerdote, em 175 a.C.. Ele torna-se um grande incentivador da helenização, promovendo a entrada de instituições e costumes gregos na cidade e também nos templos, local que até então tinha se mantido à margem das influências helenísticas. Até então os judeus não tinham tido o seu direito de culto ameaçado pelo helenismo, apesar de tentativas de sincretismo entre a religião pagã e judaica já estarem se iniciando. Mas esse foi um dos momentos decisivos para se desencadear a revolta dos Macabeus.



O "martírio de Eleazar" (2Mc 6:18-31) aparece nesse contexto. Eleazar era um escriba de idade já avançada, ele morre por não abrir mão de suas convicções judaicas e aceitar as imposições do helenismo. Ele não aceita ingerir carne de porco e prefere morrer dizendo que sua morte deveria servir de exemplo aos mais jovens (2Mc 6:28). Eleazar diz que se ele escapasse das penalidades impostas pelos gregos e comesse a carne, não poderia escapar do julgamento nas mãos do "todo poderoso" tendo esta atitude, pois Deus de qualquer forma o puniria por estar traindo os preceitos judaicos (2Mc 6:26).

O outro episódio judaico, o "martírio dos sete irmãos" (2Mc 7), aparece no mesmo contexto e descreve a morte e a tortura de sete irmãos e de sua mãe, um após o outro, também por recusarem ingerir carne de porco. O primeiro irmão incita todos os outros a morrer para não transgredirem a lei de seus ancestrais. Cada um dos irmãos pronuncia um pequeno discurso antes de suas mortes para encorajar o próximo, e mostrar como se deve morrer nobremente e em nome das santas leis de Jerusalém⁹.

A breve análise desses fragmentos nos sugere que os dois tipos de martírio - o judaico e o alexandrino - têm vários pontos em comum, mas também muitas discrepâncias. Podemos observar que os dois se referem a contextos de dominação estrangeira e em linhas gerais, era esse o tema básico que motivou a resistência. No entanto, os fragmentos de Alexandria enfatizam a resistência política, pois os

⁹ É provável que esses discursos tenham sido "incrementados", modificados, ou até mesmo criados pelo autor do texto, pois esta era uma prática muito comum na Antigüidade; inserir discursos no decorrer das narrativas para enfatizar alguma idéia que o autor estivesse querendo desenvolver. Sobre os discursos na Antigüidade, cf. Frank William Walbank. *Speeches in Greek Historians*. Oxford: Blackwell, /s.d./ e Michael Grant. *The Ancient Historians*. New York: Charles Scribner's Sons, 1970.



mártires reclamam às autoridades romanas maiores direitos em seus territórios. No que se refere aos fragmentos judaicos, a resistência e o ideal a serem seguidos têm um teor muito mais religioso do que político. O martírio ocorre como resistência às novas formas de religião que estariam sendo introduzidas em Jerusalém, obrigando os judeus a se desprenderem de suas antigas crenças. Ou seja, a resistência ao helenismo ocorre muito mais em nível espiritual do que político. Já nos AMP, o teor espiritual dos fragmentos está praticamente ausente, no que se refere às razões que motivaram a resistência.

Nos textos judaicos, os episódios de martírio ficam muito mais explícitos, pois eles descrevem em detalhe os momentos de tortura e mortes. Nos AMP, poucas são as referências a esses aspectos particulares, os fragmentos falam muito mais das causas que levaram ao julgamento dos mártires do que das punições propriamente ditas. Talvez essa diferença se deva ao fato dos dois tipos de documentos terem propósitos diferentes. Ou seja, os textos judaicos visavam enaltecer, resgatar e fortalecer as crenças do judaísmo, os mártires deveriam servir para a posteridade como provas de apego às antigas crenças. Já os AMP parecem visar mais a propaganda anti-romana, enfatizando nos documentos os seus abusos, daí não haver tanta necessidade de realçar a importância dos mártires para o seu povo.

É importante ressaltar que, apesar das diferenças nos propósitos e de teor dos textos referentes ao martírio, tanto alexandrino quanto judaico, não se devem desconsiderar as semelhanças, pois podemos supor que os dois gêneros tinham por meta difundir determinados ideais, mesmo que de maneiras diferentes.